

LIRA MATEENSE: LEMBRANÇAS DOS MÚSICOS

MENDES, Alexandre da Silva¹
MORILA, Ailton Pereira²

O presente trabalho faz parte da dissertação de mestrado denominada “Lembranças dos músicos antigos da Lira Mateense” que está em processo de construção no Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB) no Centro Universitário Norte do Espírito Santo. A Sociedade Musical Lira Mateense tem uma participação relevante na história cultural do município de São Mateus e no Estado do Espírito Santo. Contribuiu para formação de músicos, maestros e professores de música, logo é importante estudar a história da Lira na sociedade Mateense. Para realização desta pesquisa parto da questão norteadora: Como se deu a trajetória dos músicos antigos³, como foram os primeiros contatos com a música e a sua participação na Sociedade Musical Lira Mateense? O objeto deste estudo são as memórias dos músicos antigos da Lira Mateense. O objetivo é, através das narrativas, compreender as histórias, trajetórias, experiências alegrias, decepções e sonhos enquanto músicos da Lira Mateense, os primeiros contatos com a música e a banda. Uso a metodologia de pesquisa história oral e embaso as análises nos conceitos de memória a partir dos pensadores Henri Bergson (2011) e Maurice Halbwachs (2006).

Palavras-chave: Lira Mateense. Memória. História oral

Introdução

O Porto de São Mateus entre o século XVIII até meados do século XX, segundo Marques (2019), teve um papel importante para economia da região, pois o meio de transporte fluvial era o mais usado para deslocar a produção da farinha de mandioca da região e que abastecia a corte no Rio de Janeiro e a cidade de Salvador na Bahia. No século XIX na região portuária, segundo Cercitônio Coelho (2014), havia um movimento musical realizado por trabalhadores após o expediente com a presença de músicos que executavam suas músicas e canções. Nessa configuração social organizaram a banda Aurora do Porvir, que antecedeu a Lira Mateense. Em 1909 no Porto, época que ainda ocorriam atividades

¹ Mestrando em Ensino na Educação Básica no Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: alexandredasilvamendes@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Professor do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: apmorila@gmail.com

³ Chamarei de “músico antigo” os integrantes com maior idade e/ou maior tempo de ingresso na banda.

comerciais, nasce a Sociedade Musical Lira Mateense, segundo informações da Secretaria de Cultura do Governo do Espírito Santo, Secult (2017).

Minha motivação pessoal em realizar a pesquisa sobre as memórias dos músicos antigos integrantes da Lira Mateense deu-se através do relato de um músico, ex-integrante da banda, no evento de comemoração dos 70⁴ anos do Maestro Datan Coelho (1947-2013). Nessa ocasião, o músico narrou uma história que irei reproduzir aqui a partir das minhas lembranças:

Numa apresentação que fizemos em uma cidade próxima, a banda estava desfilando tocando em uníssono, quando aproximou de um local onde as pessoas deixavam suas montarias a descansar. O Maestro sinalizou para a banda virar em direção aos animais e deu um sinal para a banda tocar o mais forte e alto possível. Fez uma explosão de sons. Os animais que estavam tranquilos e distraídos ficaram todos agitados e os que estavam soltos saíram correndo desembestados no meio das pessoas.

Ao ouvir o relato acima me interessei em saber outras experiências e vivências de outros músicos da Lira Mateense. Nesta pesquisa utilizou-se a metodologia de história oral, com a realização de entrevistas semiestruturadas tendo algumas perguntas pré-estabelecidas, mas permitindo que a configuração social presente leve para outros caminhos e novas informações. Uso o conceito de memória para embasar as análises.

1 Memória

A memória é a capacidade de guardar informações obtidas na vivência, e de transmitir essas lembranças. O historiador Jacques Le Goff (2016, p.387): defini memória na sua obra intitulada “Memória e História”:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

No estudo da memória o filósofo Henri Bergson (2011), coloca o corpo como ponto central da percepção e da ação. Para Bergson (2011, p. 280) a memória é a conservação do passado, nesse sentido ela mantém viva o passado tal como ele aconteceu, então a

⁴ Evento em comemoração aos 70 anos do Maestro Datan Coelho (1947-2013), realizado no Teatro Doutor Zé no Bairro Porto, São Mateus em 29 de dezembro de 2017.

memória não se perde no tempo: “A verdade é que a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas pelo contrário, num progresso do passado ao presente”. E a lembrança surge de maneira livre no presente a partir de uma percepção atual, mas enquanto conservação, mantém o sentido primeiro.

Bergson (2011) na sua fenomenologia da memória a conceitua de duas formas: memória-hábito e lembrança-imagem. A primeira seria a memória prática, alcançada no dia a dia e é a ação utilitária, apreendida e que marca no corpo ações passadas que serão repetidas numa nova percepção semelhante. Como demonstra Bergson (2011, p. 86) ao definir memória-hábito:

A lembrança da lição, enquanto aprendida de cor, tem todas as características de um hábito. Como hábito, ela é adquirida pela repetição de um mesmo esforço. Como hábito, ela exigiu inicialmente a decomposição, e depois a recomposição total.

O segundo conceito de memória de Bergson é a lembrança-imagem. Esse conceito diz respeito à lembrança de fatos únicos ocorridos com os sujeitos e são conservados no passado, que podem surgir a qualquer momento, a partir de uma percepção presente. A lembrança-imagem é a memória pura, ela é a guardiã do passado. Sendo assim, a diverge da memória-hábito, porque ela não é construída pela repetição, ela é todo o registro do passado como eventos ocorridos uma única vez. A lembrança-imagem capta todos os momentos vividos, segundo a teoria de Bergson nada escapa dessa memória. Bergson mostra a dualidade entre a memória-hábito, que nos põe a agir sobre o mundo, e a lembrança-imagem que surge na abstração. Então pode-se analisar essas duas ideias de memória, uma na figura do sujeito de ação sendo a memória-hábito, e no sujeito da contemplação é a lembrança-imagem.

2 Memória coletiva

Após compreender a ideia central da fenomenologia da memória de Henri Bergson, que trabalha na perspectiva da memória individual. Analiso a ideia de memória coletiva, com as contribuições do sociólogo Maurice Halbwachs. O pensador entende que o conceito de memória é coletivo, ele não é uma construção individual, nessa perspectiva a memória coletiva é a sobrevivência do que se passou com o grupo. De acordo com Bosi (1994, p.55): “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens de hoje, as experiências do passado”.

A memória coletiva só é possível pelo processo socializador e o instrumento decisivo é a linguagem. Nesse ponto de vista, Norbert Elias (1994, p.25) faz uma analogia demonstrando que não se compreende uma melodia analisando uma nota isolada:

Não se compreende uma melodia examinando-se cada uma das notas separadamente, sem relação com as demais. Também sua estrutura não é outra coisa senão a das relações *entre* as diferentes notas.

Assim, as lembranças formam com outras lembranças na memória coletiva que juntas se manifestam como se fossem “melodia” daquele grupo social. As lembranças são construídas a partir do outro. Segundo Halbwachs (2006, p.41), os “nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais têm sua origem em meios e circunstâncias sociais definidos”. Halbwachs (2006, p. 97), distingue suas ideias de passado em relação ao filósofo Bergson, pois o segundo acredita na possível reconstrução fiel do passado pelas lembranças: “Para Bergson, o passado permanece inteiro em nossa memória, exatamente como foi para nós”. Segundo Halbwachs (2006), a lembrança não é a reconstrução do passado tal qual foi, pois quanto mais nos distanciamos do fato ocorrido vamos criando o hábito de recordá-los em formas de conjuntos. Nesse sentido, a memória não reproduz o passado exatamente como foi, a memória parte das experiências vividas dentro do grupo, logo as lembranças serão construídas socialmente com os elementos do presente.

3 A rede de músicos antigos da Lira Mateense

Para a realização desta pesquisa, foi construída a rede de entrevistados que se iniciou no primeiro semestre de 2019, quando me matriculei como aluno de teoria musical na escola de Música da Lira Mateense. O sociólogo Norbert Elias (1994, p.35) define rede da seguinte maneira:

[...] Muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se liga, de sua relação recíproca.

Para compreender e realizar um projeto de história oral de uma instituição como a Lira Mateense é preciso ter a consciência da construção dessa rede, que são vozes que se complementam e se contrapõem sobre a realidade social. A primeira entrevista foi realizada com o professor de teoria musical e trombonista Emilson Cosme que está a mais de 30 anos na Lira e naquele período assumia as funções de maestro e presidente da Lira

Mateense. Por coincidências da vida, a segunda entrevista ocorreu no mesmo dia, e essa não estava planejada, pois durante a entrevista com o Emilson Cosme, chegou o Igor Serafim. Músico que entrou para Lira aos 14 anos como aluno, participou ativamente por mais de 15 anos e está fora do corpo da banda há quase 10 anos. A terceira entrevista foi um presente que recebo de uma amiga. Realizada com o Antônio Marcolino Filho, mais conhecido na cidade por Marcolino. O músico entrou para Lira como aluno no período de reorganização da banda em meados dos anos 50. Ele conta a sua experiência de vida com a música, relata os momentos que esteve na Lira como aluno, músico e maestro. A quarta entrevista foi com o percussionista Wellington Nascimento. O músico conheceu a Lira na infância, pois a mãe era servidora pública municipal e foi cedida pela administração para trabalhar na Lira Mateense. A quinta entrevista realizada com o músico Marcio Lírio. O músico entrou para a banda em 1974, aos doze anos de idade, conheceu a Lira ao assistir às apresentações que a banda fazia na cidade. Foi membro e músico da banda por 17 anos ininterruptos. A sexta entrevista que tive acesso foi realizada pelo Professor Dr. Ailton Morila no final de 2012, essa com o Maestro Datan Coelho. O Maestro contou sobre suas experiências e trajetória de mais de meio século na banda. A partir da construção da rede e realização das entrevistas analiso alguns dos dados obtidos nas próximas páginas.

4 O contato com a Lira

O contato com a Lira e a trajetória dentro da instituição são lembranças importantes a serem analisadas. Durante as conversas os músicos narraram os primeiros contatos com a Lira Mateense em apresentações que assistiram e ficaram encantados, a partir dali nasce o desejo em participar da banda. Para Emilson Cosme (2020):

A Lira assim, não vou falar que foi um acidente de percurso. Eu estava sênior na época quando tinha escotismo em São Mateus, eu era apaixonado por tocar, nunca consegui tocar no Sete de Setembro, vi uma brecha no escotismo, mas também não consegui por que quando eu cheguei no sênior já não tinha mais a banda dos escoteiros. Nós estávamos dando suporte no dia Sete em Setembro, já era noite e aí vi a Lira tocando no desfile, começaram por volta das 18 horas. Tinha mais ou menos 16 ou 17 anos quando vi a Lira. Gente, de onde é essa banda, que eu achei bonito, era diferente do que a gente via.

O menino Marcio Lírio (2020) também se encantou:

[...]eu na época de criança aos doze anos de idade, eu conheci o trabalho da Lira Mateense. A gente via muito a Lira Mateense tocar em São Mateus

nessa época, naquela época a gente ia numa pracinha a Lira estava tocando, eu me encantava com aquilo, né?

O Igor Serafim (2020) depois de uma pequena passagem pela banda como aluno conta que numa apresentação: “assistia aquilo e falava tenho que subir lá para tocar com essa banda aí, tenho que fazer parte desse negócio”. Os músicos ao rememoraram o encontro com a banda e a vontade em participarem do grupo. O espanto do Emilson quando diz “gente de onde é essa banda que achei bonito, e para Marcio Lírio a aspiração de ser como aqueles músicos “tocando aquelas maravilhas”, o Igor com o desejo de “subir no palco e fazer parte desse negócio”. Ao narrar as experiências do contato com a banda, o músico também incorpora essas experiências ao ouvinte, e é também a arte de tecer, como diz Ecléa Bosi (1994, p. 88):

A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa transmitir o “em si” do acontecimento, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e transforma. Tendência comum dos narradores é começar com a exposição das circunstâncias em que assistiu ao episódio.

E assim, o Wellington Nascimento (2020) narra que o contato com a lira foi na infância:

A minha história com a Lira Mateense, é a minha mãe, a minha mãe ela trabalhava ali, então desde pequeno eu acompanhava, sempre acompanhei a banda, né? Desde pequenininho minha mãe estava lá limpando, antigamente lá tinha um piano de cauda que ficava no centro ali do salão[...] ficava olhando, as vezes mexia no piano, minha mãe: “não menino, não mexe aí, não”.

Suas primeiras lembranças da Lira Mateense não foram como aluno ou músico, mas sim como filho de uma funcionária e que frequentava o trabalho da mãe. Essas lembranças da infância no trabalho dos pais são marcantes, porque o local de labor para o adulto é o lugar de fantasia e magia para as crianças. Como a curiosidade da infância de brincar com o piano, mas é repreendido pela mãe para não mexer. As lembranças do Wellington sobre as primeiras impressões na Lira Mateense são a partir da relação familiar. Ecléa Bosi (2003, p.27) mostra que “a casa onde se desenvolve uma criança é povoada de coisas preciosas que não tem preço”. Aqui estendo o local, casa, descrito pela Ecléa Bosi, por outros lugares como o trabalho da mãe frequentado pelo filho, nesse sentido a extensão da casa no cuidado familiar. Sobre a influência da família na construção da identidade Norbert Elias (1994, p.166) mostra que “a família, enquanto referencial da identidade-nós, sem dúvida continua a ser um grupo humano que, para o bem ou para o mal, dita a seus membros uma

carga afetiva bastante elevada”. A entrada do Igor Serafim (2020) na Lira ocorreu por causa da mãe:

A primeira vez que vim para banda foi quase abaixo de porrete, minha mãe me obrigou dizendo: “você vai tocar na banda que eu quero ver”. Não sei como foi na época da minha mãe ou não tinha nem a mentalidade de ir procurar a banda, então acabou que isso (*fazer parte da Banda*) não concretizou na vida dela. Na minha, ela chegou assistir a banda, e briga comigo até hoje por ter me afastado da banda, foi uma realização para ela, eu fazer parte da banda.

A sua família, diz o músico, convivia com a família Coelho, o Maestro Datan Coelho foi padrinho de casamento da mãe. A proximidade da mãe com os integrantes da banda e por conhecer a instituição, a levaram a matricular o filho mesmo sem a vontade dele. O músico compreende que a mãe não pôde fazer para si, então realizou o sonho no filho. Pois como relata Elias (1995, p.13): “Nem sempre cabe à pessoa decidir se seus desejos serão satisfeitos, ou até que ponto o serão, já que eles sempre estão dirigidos para outros, para o meio social”. Assim a mãe quer reproduzir um presente para o filho que não foi possível no seu passado, então matricula o menino:

Foi em 1992, naquela época matricularam três turmas de 150 alunos, as aulas eram no salão do ensaio, porém as turmas não finalizaram o curso, pois a Banda não teve condições financeiras de manter os alunos. Essa primeira vez que vim para Lira, eu não entrei para o corpo da banda, nesse período as aulas eram com os professores Alencar e o Chiquinho, apreendi parte da teoria musical.

A Lira não teve condições financeiras para continuar com as aulas. Porém mesmo desinteressado apreendeu a teoria musical. As aulas possibilitaram que mais tarde em outras configurações sociais gerasse:

O meu interesse em voltar a ser aluno e tocar na banda surgiu em uma apresentação. Uma das mais legais que a Lira fazia antigamente no dia da consciência negra, o evento era realizado no Bairro Porto, um palco grande e a Lira era o auge da festa. Assistia aquilo e falava tenho que subir lá para tocar com essa banda aí, tenho que fazer parte desse negócio. Foi assim que entrei pela segunda vez como aluno da Lira foi em 1995 ou 1996, dessa ocasião vim por conta própria, também vieram quase todos os meus primos, porém da família somente eu permaneci.

Foi também por assistir uma apresentação que o Marcio Lírio (2020) buscou a Lira:

A Lira Mateense anunciou que estava tendo a primeira escolinha de música, em São Mateus, pra formar novos músicos. Eu então com 12 anos de idade, nossa achei aquilo superinteressante, né? E fui lá na Lira e me inscrevi, me

inscrevi aos doze anos de idade em 1974, e eu é, gostei muito daquilo, o professor era Datan Coelho [...]

As condições sociais de acesso à banda permitiram que esses jovens em períodos diferentes pudessem entrar e participar da Lira como alunos e se tornarem músicos. Para o futuro de esperança que a arte possibilita há necessidade de garantia de acesso a ela, por jovens das mais diversas camadas sociais. Nesse sentido, a importância da banda de música como a Lira Mateense que possibilita o acesso ao aprendizado musical de graça para as crianças e adolescentes. Como declara Ecléa Bosi (2003, p.157) sobre o acesso a cultura: “se a promoção das classes pobres depende da instrução, na cidade ou no campo, se é preciso reivindicar o direito à ciência e à arte, essa luta é já, em si, uma fonte de cultura”. O músico Marcolino (2016) aos 76 anos, relembra o primeiro contato com a banda, narrativa que também corrobora com a ideia de importância das bandas para a formação musical:

Eu tinha 14 anos, me lembro muito que havia uma conversa que ia ter uma banda de música aqui em São Mateus e tal. Estamos precisando de gente, e nunca essa aula abria, quando essa sala de aula abriu pra fazer inscrição das pessoas deu mais de 120 pessoas, me lembro muito bem. Aí eu fiz a minha inscrição 1955.

Na primeira turma da escola de música da Lira Mateense foi aluno junto com o Maestro Datan Coelho (2011) que disse sobre seu contato com a banda:

Muito me orgulha essa Lira aí, numa boa, porque, eu entrei nessa Lira tinha, é, era garoto 12 anos, eu acho 13 anos, não lembro direito isso, não, mas garoto, tinha acabado de aprender com Seu Graciano.

O músico também se lembra sobre o mesmo professor de música e acrescenta:

Era o Tenente Graciano Moreto ele filho de São Mateus, mas era maestro da banda da polícia, então em 1955 ele veio pra aqui. Ele só manteve essa aula um ano só, porque precisaram dele lá no batalhão, ele teve que voltar.

A ansiedade, do Marcolino, para o começo das aulas gerou naquele adolescente a percepção de um tempo longo. E o Maestro Datan Coelho que não recorda certo a idade, mas se lembra com quem apreendeu. A ideia de tempo pode ser percebida de variadas maneiras, segundo Candau (2019, p.87), o tempo é assimilado por qualidade associativa e emocional:

[...] o tempo em sua duração “não é assimilado como uma quantidade mensurável, mas como uma qualidade associativa e emocional” que remete

às representações que fazem os membros de um grupo sobre sua identidade e sua história. Na verdade, o mais comum é que a memória pareça incapaz de restituir fielmente a duração.

Como o tempo na memória é organizado por qualidade associativa e emocional. Emilson narra que um período após assistir à apresentação da banda:

Num sábado estou sentado na pracinha da rodoviária, e aí eu vejo o “Índio” passando. Parei para conversar com ele e me convidou para que eu viesse a Lira, na verdade não convidou quanto músico. Eu disse: “só estou começando a tocar um instrumento”. Ele disse: “vai lá na Lira pra ver a gente ensaiar, vamos participar de campeonato”.

Em mais de uma aula de teoria musical o Emilson narrou o encontro com o Maestro Datan Coelho. Indicando a importância dessa experiência na sua trajetória de vida e banda. A história contada durante as aulas; o músico sentado na praça num sábado. Ele vê o Datan Coelho, e se lembra é aquele moço, o regente, da Banda com a sonoridade que eu nunca tinha visto! Com a ousadia de alguém que deseja saber mais sobre aquela a Banda e das belíssimas músicas tocadas, se aproxima e pergunta: “Hei, você é o dono da Lira?” E o Maestro responde: “A Lira não tem dono, porra!”. Assim, podemos perceber que a lembrança surge no instante, ou seja, durante as aulas o professor narrava de uma maneira como foi o encontro com o Maestro na praça. Já na entrevista o músico contou esse evento de uma outra forma. Candau (2019, p. 76), nos auxilia a compreender esses relatos ao escrever que as lembranças surgem de maneiras diferentes dependendo das circunstâncias:

Sabe-se que o estado emocional do narrador, as influências que sofre, pode ter um efeito sobre a natureza das lembranças evocadas sem que se possa realmente determinar se a qualificação feita do acontecimento, quando recordado, deva-se a elementos seus ou à projeção do seu humor no momento mesmo da reminiscência.

O Emilson Cosme revelou durante a entrevista que sua entrada na banda aconteceu por um acaso, nas palavras do próprio músico: “não vou falar que foi um acidente de percurso”. Porém ao assistir à apresentação da banda que o marcou, um dia encontrou o regente da banda e foi convidado para os ensaios e daí são mais de 30 anos como membro da banda.

Os músicos contaram como conheceram a banda, fatos ocorridos em épocas diferentes. O músico e Maestro Marcolino entrou para a banda na década de 50 como aluno no período de reestruturação da Lira Mateense. Na mesma época entrou o Maestro Datan Coelho filho de músico e maestro da banda que conheceu a Lira nas relações familiares durante a

infância. O Percussionista Wellington Nascimento conheceu a Lira por frequentar o ambiente de trabalho da mãe, e foi influenciado pelos músicos que via tocando nos ensaios. Os músicos Marcio Lírio, Emilson e Igor entraram para Lira na adolescência numa diferença de aproximadamente três décadas, e o gatilho foi assistir uma apresentação da banda. Ao narrar como conheceu e entrou na banda, cada músico buscou nas suas memórias fatos marcantes desse contato que foi singular na sua experiência. Sendo assim, cada músico lembra da sua vivência e como conheceu, como entrou para banda como aluno, tornou-se músico, professor, maestro, alguns afastaram da Lira com passar do tempo. Nas narrativas dos músicos antigos da Lira Mateense, atuante ou não, esses instrumentistas manifestam o pertencimento e a identificação com a Sociedade Musical Lira Mateense.

Referências

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 291 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 19. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484 p.

_____. **O tempo vivo da memória**: Ensaio de psicologia social. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013. 219 p

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2019. 219 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de Fazer. 11. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. 349 p.

COELHO, Cecitônio. **Biografia de Cecitônio Coelho**. 2014. Disponível em: Acesso em: <<https://www.recantodasletras.com.br/biografias/4890281>>. Acesso em: 01 setembro de 2020.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1994.

_____. **Mozart**: Sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

JACQUES, Le Goff. **História e Memória**. 7. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

MARQUES, Adilson Bulado. **Ensino de história local e patrimônio**: o caso do sítio histórico porto de São Mateus. Orientadora: Professora Doutora Maria Alayde Alcantara Salim. 2019. 140 f. Dissertação (Mestre em Ensino na Educação Básica) - Centro Universitário Norte do Espírito Santo, Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, ES, 2019